

TEXTO
Consultoria geral
 Florestan Fernandes
Coordenação editorial
 Maria Carolina de A. Boschi
Tradução
 Aldo Bocchini Neto e Mitsue Morissawa
Revisão da tradução
 Heloísa R. Fernandes
Redação
 Lenice Bueno da Silva
ARTE
Coordenação
 Antônio do Amaral Rocha
Arte-final
 René Etienne Ardanuy
Produção gráfica
 Elaine Regina de Oliveira

Layout da capa: Elifas Andreato

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
 Câmara Brasileira do Livro, SP

Mills, Charles Wright, 1916-1962.
 M596w Wright Mills : sociologia / organizadora [da coletânea] Heloísa Rodrigues Fernandes : [tradução Aldo Bocchini Neto e Mitsue Morissawa]. — São Paulo : Ática, 1985.
 (Grandes cientistas sociais ; 48)
 Inclui introdução sobre Mills por Heloísa Rodrigues Fernandes.
 1. Estrutura social — Estados Unidos 2. Liderança 3. Poder (Ciências sociais) 4. Mills, Charles Wright, 1916-1962 5. Sociologia — Teoria I. Fernandes, Heloísa Rodrigues. II. Título.
 17. e 18. CDD—301.01
 17. —301.155
 18. —301.1553
 17. e 18. —301.400973
 17. —301.44
 18. —301.4492
 84-0844

Índices para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Estrutura social 301.400973 (17. e 18.)
2. Liderança : Sociologia 301.155 (17.) 301.1553 (18.)
3. Poder e autoridade : Classes sociais : Sociologia 301.44 (17.) 301.4492 (18.)
4. Sociologia : Teorias 301.01 (17. e 18.)

1985

Todos os direitos reservados
 Editora Ática S.A. — Rua Barão de Iguape, 110
 Tel.: (PABX) 278-9322 — Caixa Postal 8656
 End. Telegráfico "Bomlivro" — São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Mills, o sociólogo-artesão
 (por Heloísa Rodrigues Fernandes) 7

I. TEORIA SOCIOLOGICA

1. A ideologia profissional dos patologistas sociais 38
 (*Power, politics and people: the collected essays of C. Wright Mills*)

II. EUA: ESTRUTURA SOCIAL E POLÍTICA

2. A elite do poder: militar, econômica e política 62
 (*Problems of power in American democracy*)

3. A principal tendência 81
 (*The new men of power — America's labor leaders*)

4. Os líderes sindicais operários e a elite do poder 98
 (*Power, politics and people...*)

5. Introdução a *Nova classe média* e política da
 retaguarda 119
 (*White collar: the American middle classes*)

6. Sociedade de massa 134
 (*Power, politics and people...*)

III. PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS: A QUARTA ÉPOCA

7. Defesa de *A elite do poder* 147
(*C. Wright Mills and the power elite*)

8. Cultura e política 164
(*Power, politics and people...*)

9. A política da verdade 174
(*De hombres sociales y movimientos políticos*)

IV. ALTERNATIVAS DISSIDENTES

10. O homem no meio: o *designer* 178
(*Power, politics and people...*)

11. Dois critérios para considerar boa uma sociedade 190
(*De hombres sociales...*)

12. A nova esquerda 198
(*Power, politics and people...*)

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO 211

Textos para esta edição extraídos de:

MILLS, C. W. *The new men of power — America's labor leaders*. Com assistência de Helen Schneider. Nova York, Harcourt, Brace and Co., 1948. (© 1948 por Harcourt Brace Jovanovich, Inc.; renovado em 1976 por Yaroslava Mills. Traduzido e reproduzido com permissão da editora.)

— *White collar: the American middle classes*. Nova York, Oxford University Press, 1953. Trad. port.: *A nova classe média*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1969. (© 1951 por Oxford University Press, Inc.; renovado em 1979 por Yaroslava Mills. Reproduzido com permissão de Oxford University Press e Zahar Editores.)

DOMHOFF, G. W. e BALLARD, H. B., orgs. *C. Wright Mills and the power elite*. Boston, Beacon Press, 1969. (© *Dissent*, Nova York.)

HOROWITZ, I., org. *Power, politics and people: the collected essays of C. Wright Mills*. Nova York, Oxford University Press, 1963. Trad. port.: *Poder e política*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1965. (© 1963 por The Estate of C. Wright Mills. Reproduzido com permissão de Oxford University Press e Zahar Editores.)

— *De hombres sociales y movimientos políticos*. México, Siglo Veintiuno Ed., 1969. (© Siglo Veintiuno Ed.)

KORNHAUSER, A., org. *Problems of power in American democracy*. Detroit, Wayne State University Press, 1957. (© Wayne State University Press.)

INTRODUÇÃO

Heloísa Rodrigues Fernandes

Doutora em Sociologia
Professora do Departamento de Ciências
Sociais da FFLCH — USP

MILLS, O SOCIÓLOGO-ARTESÃO

Dados biográficos

Mills nasceu em Waco, Texas, numa família de classe média irlandesa e inglesa. Passou sua infância em Sherman, Forth North e Dallas, onde frequentou uma série de escolas paroquiais e ginásios públicos. Anos mais tarde, reconheceria a um amigo a influência que a educação católico-romana poderia ter tido sobre ele¹. E, embora se declarasse agnóstico, o seu "Sermão pagão ao clero cristão", publicado no *The Nation*, em 1958, só poderia ter sido elaborado por alguém com profunda sensibilidade para o que deveria ser a consciência religiosa. Fred Blum chega mesmo a registrar que, pouco depois, o mesmo jornal recebeu uma carta onde se dizia que "Deus não morreu porque existe, em alguma medida, nos escritos de C. Wright Mills"².

Inicialmente o jovem Mills tentou o curso de engenharia, do qual desistiu após o primeiro ano. Entretanto, preservou um forte interesse por trabalhos técnicos e manuais, como desenho industrial, arquitetura, carpintaria e fotografia. Ele mesmo construiu uma casa e organizou

¹ Ver: BLUM, F. C. Wright Mills: consciencia social y valores sociales. In: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología: ensayos en honor de C. Wright Mills*. Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1969. v. I, p. 207-8, nota 75.

² Id., *ibid.*, p. 209. Em "Vidas privadas y asuntos públicos: la vida como cepo" (1960), Mills retornaria ao tema, fundamentando sua posição agnóstica em matéria religiosa. Ver: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales y movimientos políticos*. México, Siglo Veintiuno Ed., 1969.

uma chácara que chegou a produzir 80% do seu próprio fundo de alimentos³.

Após ter desistido do curso de engenharia, Mills matriculou-se na Universidade do Texas onde se formou, em 1939, em Filosofia e Sociologia. Tinha 23 anos quando, já formado, se desloca para a Universidade de Wisconsin. Terminara a experiência sulista da biografia de Mills. Ali foi forjado o homem apaixonado pelo poder da palavra, pelo poder das mãos e também pelo poder da terra. O homem prático inflamado que ele próprio reconheceria como um dos traços da sua personalidade:

“Sou, no primeiro momento, demasiado propenso a gritar; depois, me enamoro dos meus próprios gritos e não os corrijo”⁴.

Miliband ressalta bem este elemento da biografia de Mills: só deixou o Texas após completar 20 anos.

“Chegou à cidade grande como um estrangeiro e a viu com tais olhos (...). O próprio Mills afirmava que sua peculiar reação frente à sociedade americana tinha muito que ver com o fato de nela ter ingressado como homem adulto”⁵.

Esse alheamento crítico, que lhe permitiu tomar distância da cidade grande, compromete também uma certa visão romântica e saudosista do passado, como se o sulista estivesse buscando em Nova York os antigos nortistas da guerra civil. Mas é bem verdade, como lembra Casanova, que estes são traços conservadores:

“Sua atitude à antiga, seu desejo de forjar nos EUA uma terra de promessa, sua inegável admiração pela pequena empresa e pelos pequenos proprietários (...) que o deixaram insatisfeito e o levaram a comprometer-se com as novas utopias do mundo socialista”⁶.

Da etapa texana da vida de Mills resta, contudo, uma questão: por que um pensamento tão sensível e crítico da sociedade americana nunca incorporou a escravidão como uma das determinações desta socie-

³ Vários dados da biografia e carreira de Mills foram obtidos em HOROWITZ, I. An introduction to C. Wright Mills. In: —, org. *Power politics and people: the collected essays of C. Wright Mills*. Nova York, Oxford University Press, 1963; e em HOROWITZ, I. The intellectual genesis of C. Wright Mills. Introdução a MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism: the higher learning in America*. Nova York, Oxford University Press, 1966.

⁴ MILLS, C. W. Prefácio a *Political Morality* (1960). In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 6.

⁵ MILIBAND, R. Mills y la política. In: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología...*, cit., p. 99-100.

⁶ CASANOVA, P. G. C. Wright Mills: una consciencia norteamericana. In: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología...*, cit., p. 89.

dade? Nem mesmo uma de suas sobrevivências mais visíveis — o racismo — foi cuidado com o devido realce nas suas análises. Aptheker é, dos críticos de Mills, o mais incisivo:

“Estas deficiências (...) que não são senão um exemplo da sólida ignorância de Mills da questão negra, em todas as suas obras, diluem seriamente a agudeza de sua análise”⁷.

Esta deficiência não é teoricamente irrelevante. Uma Sociologia crítica e militante só pode fincar raízes quando procura pensar a história real da sociedade onde ela pretende existir como pensamento crítico. Em qualquer sociedade onde o trabalho escravo teve uma função decisiva em seu desenvolvimento, este tipo de Sociologia está necessariamente comprometido com a sua análise e interpretação se não quiser correr o risco de ficar relativamente solto no espaço — ou na história! Risco muito claro quando Mills afirma:

“A escravidão, contudo, — uma evidente exceção aos ideais da Revolução Americana — não tomou o vulto que se lhe atribui. Limitou-se a uma região, não se expandiu para o Oeste e foi abolida nos meados do século”⁸.

Mills também paga o preço da sua origem: não pode ver-se como e enquanto sulista. No cerne deste pensamento crítico ganha relevância a categoria alienação dos “sem-poder” e dos “poderosos”, o que permite espaço para as categorias: coação, autoridade, manipulação, *dominação*, mas fecha o caminho para uma categoria central como determinação histórica da sociedade: a *exploração* na produção. Categoria escandalosamente ausente em certas análises de Mills:

“Quando as instituições econômicas e políticas eram pequenas e dispersas — como nos modelos mais simples da Economia clássica e da democracia jeffersoniana — ninguém tinha o poder de conceder ou receber grandes favores”⁹.

Realmente, só tinha garantido o poder de exploração da força de trabalho livre (na “Economia clássica”) e do trabalho escravo (sob a “democracia jeffersoniana”)!

Florestan Fernandes delimita bem os limites deste tipo de Sociologia quando afirma que

⁷ APTHEKER, H. Power in America. In: DOMHOFF, W. e BALLARD, H., orgs. *C. Wright Mills and the power elite*. Boston, Beacon Press, 1969, p. 135.

⁸ MILLS, C. W. *A nova classe média*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1969, p. 28.

⁹ MILLS, C. W. Diagnóstico da nossa inquietação moral (1952). In: —. *Poder e política*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1965, p. 195.

“o ‘sociólogo crítico’ rompe com a ordem dentro de limites adaptativos muito estreitos. Ele não pode observá-la, descrevê-la e interpretá-la *criticamente* através de uma negação (...) que envolva uma ruptura completa, total e irremissível. Em consequência, ele é ‘crítico’ e ‘radical’ *ma non troppo*”¹⁰.

*

Do Texas, portanto, Mills deslocou-se para a Universidade de Wisconsin onde, trabalhando com Howard Becker, começou a lecionar (1940) e obteve seu Ph.D. em Sociologia e Antropologia com a dissertação *Sociology and Pragmatism: the higher learning in America*¹¹.

Logo após o término da guerra, em 1945, recebeu o Guggenheim Fellowship e foi indicado como professor assistente de Sociologia na Universidade de Columbia. Em 1946, juntamente com Hans Gerth, organiza e publica uma excelente coletânea da obra de Max Weber¹², o qual permanecerá no referencial sociológico de Mills, sobretudo nas questões relativas

“à função histórica da burocracia (contraposta à luta de classe) e à elaboração das categorias de estratificação social (contraposta às meras classes econômicas)”¹³.

Em Columbia, até 1948, permanece como diretor do Labor Research Division of the Bureau of Applied Social Research, onde trabalhou sob a supervisão geral de Paul Lazarsfeld. Anos mais tarde, considerando-o um “empirismo abstrato”, Mills ajustaria contas com este estilo de trabalho em *The sociological imagination* (1959)¹⁴ não hesitando, inclusive, a se submeter a uma dura autocrítica em 1960:

“Creio também que é necessário admitir que na segunda metade da década de quarenta me meti de maneira bastante profunda no que pensava então que podia ser minha ‘profissão’ como professor: uma espécie de investigação empírica organizada que resultou num beco intelectual sem saída e numa adaptação política. E me custou algum tempo e muito esforço vencer tudo isto”¹⁵.

¹⁰ FERNANDES, F. *A natureza sociológica da Sociologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1980. p. 68.

¹¹ Op. cit.

¹² GERTH, H. e MILLS, C. W., orgs. *From Max Weber: essays in Sociology*. Nova York, Oxford University Press, 1946. Trad. port.: WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1963.

¹³ MILLS, C. W., org. *Images of man: the classic tradition in sociological thinking*. Nova York, George Braziller Inc., 1960. p. 10.

¹⁴ Nova York, Oxford University Press. Trad. port.: *A imaginação sociológica*. 6. ed. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1982.

¹⁵ MILLS, C. W. Prefácio a *Political morality* (1960). In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 7.

Permaneceu, contudo, na Universidade de Columbia como professor assistente do departamento de Sociologia. Em 1948 publica, com a colaboração de Helen Schneider, *The new men of power: America's labor leaders*; em 1950, *The Puerto Rican journey: New York's newest migrants*, com Clarence Senior e Rose Goldsen; em 1951, *White collar: the American middle classes*; em 1953, com Hans Gerth, *Character and social structure: the Psychology of social institutions* e, em 1956, publica *The power elite*¹⁶, sem dúvida seu trabalho mais polêmico sobre a sociedade norte-americana¹⁷.

*

Desde o período de Wisconsin e através de Hans Gerth, Mills manteve contato com o grupo de filósofos alemães que haviam emigrado para os EUA com a ascensão do fascismo, entre os quais Adorno, Horkheimer e seu colega em Columbia, Franz Neumann, aos quais deve, segundo Horowitz, sua preocupação mais sistemática com os movimentos radicais europeus e com a tradição marxista. Mas não se pode deixar de considerar, segundo o próprio Mills, a inegável contribuição de outros colegas como Casanova, Isaac Deutscher, Marcuse, Miliband, George Mosse e Irving Horowitz, entre vários outros¹⁸.

Contudo, até 1954, com exceção de uma conferência que realizou em Toronto, Mills nunca saíra dos EUA. E este não é um dado irrelevante em sua biografia. Ele próprio faria mais tarde a crítica deste isolamento, quando passa a afirmar a necessidade de o intelectual americano sair das fronteiras do seu país como única forma não só de ultrapassar o nacionalismo provinciano da cultura americana, como de incorporar a outra face desta mesma sociedade — o imperialismo — cuja visibilidade só se manifesta do lado de fora das suas fronteiras. De fato, embora desde 1956 não lhe faltasse esta crítica de Aptheker, somente quando se propõe a analisar a sociedade cubana Mills passa a incorporar esta determinação como uma categoria analítica.

¹⁶ Respectivamente: Nova York, Harcourt, Brace; Nova York, Oxford University Press; Nova York, Oxford University Press (trad. port.: *A nova classe média*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1969); Nova York, Harcourt, Brace; Nova York, Oxford University Press (trad. port.: *A elite do poder*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1962).

¹⁷ Horowitz afirma mesmo que, após a publicação desse livro, “as grandes instituições ‘filantropóides’ — com uma única e honrosa exceção — recusaram todos os seus pedidos de bolsas” para pesquisa. Ver: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología...*, cit., p. 10.

¹⁸ Cf.: HOROWITZ, I. The intellectual genesis of C. W. Mills. Introdução a MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 13; e MILLS, C. W. *The marxists*. Nova York, Dell Publishing Co., 1963 (trad. port.: *Os marxistas*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968).

De toda forma, esta ausência não é tão estranha, se considerarmos o retrato do horizonte sociológico americano da época, feito por Horowitz:

“Um mito conspícuo sustenta que a ‘sociedade’ começa no Maine e termina em Miami Beach, e recomeça em Nova York para terminar na Califórnia. (...) É como se a Sociologia se tivesse encolhido reduzindo-se a uma espécie de senil domesticidade”¹⁹.

Retrato que levanta a séria suspeita de que esta insularidade não tem como efeito a mera asfixia intelectual, pois o fechamento ideológico, de nítidas consequências políticas, surge como seu desdobramento quase natural.

Justifica-se, portanto, que consideremos as viagens de Mills — independentemente de suas datas — à Europa, à URSS e à América Latina²⁰.

Sua primeira viagem à Europa foi feita em 1956; retorna em 57, para pronunciar conferência na London School of Economics. Nesta última viagem, juntamente com Miliband, visita a Polónia, onde se encontra com Adam Schaff e com Leszek Kolakowski. Além de Varsóvia, conhece Zagreb e Viena. Estas viagens e estes contatos devem, provavelmente, ter incentivado Mills a publicar, em 1958, *The causes of the World War Three*²¹, onde chega a propor a constituição de uma frente de oposição internacional dos intelectuais à guerra. Da mesma forma, seu ajuste de contas com a Sociologia americana, em *The sociological imagination* (1959) e na introdução da sua antologia de textos clássicos, *Images of man: the classic tradition in sociological thinking* (1960), tem como tarefa imediata romper o provincianismo e insularidade em que se encastelara a Sociologia americana, da mesma forma que pretende reivindicar a pretensão humanista do pensamento sociológico na tradição cultural da civilização ocidental frente ao que denuncia como verdadeira “tirania burocrática” da corrente sociológica dominante nos EUA e na Europa.

¹⁹ HOROWITZ, I. Una introducción a la nueva Sociología. In: —, org. *La nueva Sociología...*, cit., p. 47.

²⁰ Esta discussão sobre influências ficará restrita aos quadros intelectuais por uma imposição prática. Não há nenhuma possibilidade de discutir suas opções políticas porque Mills nunca pertenceu a qualquer partido político e, segundo Horowitz, jamais teria votado em qualquer eleição (cf.: Prefácio de I. Horowitz a *Poder e política*. Op. cit., p. 12). Em “Notas de um diário soviético” (1960) (*De hombres sociales...*, cit., p. 294), Mills afirma: “há sociedades nas quais provavelmente eu seria anarquista; em outras, seria totalmente leninista”.

²¹ Nova York, Ballantine Books. Trad. port.: *As causas da próxima guerra mundial*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1961. Seu depoimento sobre a omissão dos intelectuais ocidentais é registrado de forma dramática: “Vi a tensão e a coragem e passei a respeitar esses poloneses, húngaros e iugoslavos” (op. cit., p. 153).

Em 1960 fez uma primeira viagem à Rússia, para onde retornaria em 61. Nestas viagens entrevistou vários intelectuais, colhendo informações e impressões que, sem dúvida, marcariam seu interesse na organização de *The marxists*, onde se propôs divulgar o marxismo nos EUA, não só para os que não o conheciam, como também aos que, conhecendo-o, o consideravam mera ideologia e, portanto, irrelevante ao pensamento sociológico. Estas impressões marcam ainda a conclusão do livro, onde registra a sua expectativa e esperança de que, no mundo soviético de Krushev, a sociedade comunista pudesse vir a se conformar aos ideais libertários do marxismo clássico²².

Esta abertura de horizontes para a experiência capitalista europeia e também para o bloco soviético marca, como bem ressalta Horowitz, uma das últimas preocupações intelectuais de Mills antes de sua morte. Começara a se engajar na elaboração de uma espécie de nova teoria da História. No seu *Comparative Sociology* — cuja redação apenas iniciou — defenderia a tese de uma teoria multilinear da História.

“Cada região importante do mundo tem sua própria forma de desenvolvimento histórico”²³.

Neste trabalho desenvolveria, portanto, a sua teoria de uma nova periodização histórica, sobretudo a sua tese de que da “Idade Moderna” ou “Terceira Época” estaríamos passando para a “Era Pós-Moderna” ou “Quarta Época”. Num estágio menos burilado, estas teses já se encontravam no mínimo esboçadas em *As causas da próxima guerra mundial* e em pelo menos dois artigos de 1959: “Cultura e política” e “A consciência de época e o Eu”²⁴. Mas, como veremos adiante, já estavam pré-marcadas desde a opção filosófica de Mills na década de quarenta, a qual, por isto mesmo, atravessaria praticamente toda a sua obra.

Restaria analisar a contribuição da América Latina nesta abertura de horizontes do quadro teórico de Mills. Ele esteve no Brasil em 1959

²² MILLS, C. W. *The marxists*, cit. Contudo, nem sempre suas impressões foram positivas. Em “Notas de um diário soviético” (1960) (*De hombres sociales...*, cit.), Mills retrata o isolamento dos intelectuais soviéticos e seu desconhecimento da “controvérsia” Stalin-Trotsky. Também na introdução ao *Images of man...* (cit.) é bastante pessimista sobre as possibilidades de “reabilitação” da Sociologia no bloco soviético (p. 8).

²³ MILLS, C. W. apud HOROWITZ, I. “Una introducción a la nueva Sociología” (*La nueva Sociología...*, cit., p. 58), onde se encontra uma discussão detalhada deste trabalho não publicado de Mills.

²⁴ Respectivamente: MILLS, C. W. *Poder e política*, cit.; e HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit.

e no México em 1960²⁵. Veio ao Rio de Janeiro como participante do Seminário Internacional sobre “Resistências à mudança — fatores que impedem ou dificultam o desenvolvimento”, organizado por Costa Pinto como diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, e do qual participaram sessenta cientistas sociais vindos de vinte países das três Américas e da Europa. O comunicado lido por Mills — “Observações sobre o problema do desenvolvimento industrial” — recebeu duras críticas de Octavio Ianni, Enrique Arboleye, Pablo Casanova, Pascoal Leme e Florestan Fernandes quanto à sua tese da necessidade de a América Latina buscar um “terceiro caminho” e criar um “terceiro tipo de homem” diferentes do americano e do soviético, o que implicava negar, também, qualquer peso político ao proletariado na transformação histórica²⁶.

No fundamental, portanto, a análise de Mills sobre as “sociedades subdesenvolvidas”²⁷ provocou forte reação dos intelectuais latino-americanos, o que deve ter contribuído para despertar o seu interesse por um país que começava a tentar ultrapassar o “subdesenvolvimento” através de uma revolução: Cuba. No seu prefácio a *Listen yankee: the revolution in Cuba* (1960) Mills reconhece esta dívida quando afirma ter ficado:

“(...) embaraçado por não ter, ainda, uma posição firmada sobre a revolução cubana. Isto porque, tanto no Rio de Janeiro como na Cidade do México, Cuba constituía, sem dúvida, o principal assunto de discussão”²⁸.

Na verdade, como já foi apontado, deve a estes intelectuais o ter sido obrigado a fazer intervir em suas análises uma determinação histórica que esteve ausente dos seus trabalhos anteriores: o imperialismo norte-americano. Mas, no essencial, Mills mantém na análise da revolução cubana todas as teses defendidas em 59 no Rio de Janeiro: a iniciativa da prática revolucionária cabe aos intelectuais — desde que mobilizem

²⁵ A contribuição da experiência mexicana é registrada por Mills em *Listen yankee: the revolution in Cuba* (Nova York, McGraw-Hill, 1960; trad. port.: *A verdade sobre Cuba*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1961) e no seu agradecimento aos intelectuais da Universidade do México pela sua colaboração na organização de *The marxists*. Nada mais foi acessível ao meu conhecimento, daí a discussão ter ficado restrita ao debate com os intelectuais brasileiros.

²⁶ Tanto a comunicação de Mills como os debates estão incluídos na obra *Resistências à mudança* (Rio de Janeiro, Centro Latino-americano de Ciências Sociais, 1960), p. 281-7 e 297-8, respectivamente. O artigo de Mills foi publicado também em *Poder e política*, cit., sob o título “O problema do desenvolvimento industrial”.

²⁷ As aspas são do próprio Mills e não são casuais. Indicam sua postura crítica frente a um quadro conceitual que, para ele, daria excessivo realce às condições materiais de vida (à necessidade de industrialização) em detrimento do estilo de vida (à necessidade de democracia).

²⁸ *A verdade sobre Cuba*, cit., p. 9.

o campesinato — cabendo-lhes também as tarefas da descoberta e construção do “terceiro caminho” e dos “homens novos”. Da mesma forma, o proletariado não é alavanca da transformação histórica, embora passe por um processo de radicalização após a vitória da revolução. Há uma única diferença: a descoberta deste caminho na História não é mais puro “pensamento utópico”, como em 59, porque já se tornara, para ele, uma construção prática. Cuba é “um Estado-piloto e uma nação experimental”²⁹.

Independente do referencial teórico, o fato é que Mills assumiu a revolução cubana e se envolveu numa cruzada pela sua defesa exatamente dentro dos EUA e numa conjuntura em que a sociedade americana era varrida por uma verdadeira histeria anti-comunista. Miliband presta um testemunho deste envolvimento de Mills no último ano de sua vida:

“Muito antes que acontecesse, começou a acreditar que os EUA poderiam tentar destruir a Revolução pela força. Isto o invadia de amarga e desamparada vergonha. De fato, destruiu seu coração. Foi em dezembro de 1960 que ele teve seu primeiro e principal ataque do coração. Foi totalmente compreensível que, quando Mills morreu, quinze meses mais tarde, Fidel Castro tivesse lhe enviado uma coroa de flores ao funeral”³⁰.

*

A questão: ser sociólogo nos EUA da década de quarenta

O espaço desta curta introdução não permite uma análise mais profunda do pensamento sociológico de Mills. Para isto seria necessário percorrer vários outros caminhos: desde a política do *New Deal*, à do *Fair Deal*, à hegemonia crescente do capitalismo monopolista, à constituição da chamada “sociedade do bem-estar”. Por outro lado, deveria necessariamente, e com mais razão ainda, discutir a dissolução do radicalismo populista desde o final do século e sua crescente incorporação e conformismo à sociedade erigida pela dominância do capital monopolista e pela presença do imperialismo americano no mercado e política internacionais.

A outra face deste processo é, portanto, o esvaziamento, esgotamento e dissolução dos movimentos dissidentes radicais e democráticos

²⁹ Id., *ibid.*, p. 109.

³⁰ MILIBAND, R. C. Wright Mills. In: DOMHOFF, W. e BALLARD, H., *C. Wright Mills and the power elite*, cit., p. 10.

que estavam em ascensão desde o final do século e cujo desfecho é resumido por Lasch:

“Na metade da década de vinte, tanto o socialismo como o populismo esgotaram-se, deixando um vácuo político que ainda não foi preenchido (...)”³¹.

Do lado populista, a incorporação do Partido do Povo ao Partido Democrático em 1896 provocou o esvaziamento do próprio radicalismo do partido, tanto na frente agrária como na frente operária³².

Do lado socialista, assiste-se à dissolução de um movimento que vinha em ascensão desde antes da Primeira Guerra Mundial, graças às dissensões internas provocadas pela revolução bolchevista e pela ascensão da nova esquerda. Processo que culmina em 1919 quando a ala radical — que defendia a tese da iminência da revolução bolchevista nos EUA — é expulsa e funda o Partido Comunista. O que importa reter, entretanto, é que esta ruptura interna implicaria não só o crescente esvaziamento dos dois partidos mas também que, perdendo sua base de massa, o marxismo americano, embora passasse a servir como forma de protesto social, não conseguisse prosseguir o esforço inicial de elaboração de uma teoria social efetiva da e para a sociedade americana. Enfim, o vácuo político tem muito a ver com a crescente desvinculação do marxismo da análise estrutural da sociedade americana, ou seja, com o abandono de um enfrentamento decidido da “questão nacional”, processo cujas conseqüências são denunciadas por Bottomore: “não foi criado qualquer corpo significativo de pensamento social aplicado diretamente à sociedade e cultura americana”³³.

Outra implicação evidente dessa dissociação é o isolamento crescente dos intelectuais de qualquer movimento social radical. A tese do “realismo proletário” do *The New Masses*, que domina, até a primeira metade da década de trinta, indica a perda de vigor do pensamento marxista na análise da sociedade americana. Mas a alternativa que se coloca com o *Partisan Review*, desde o final da década de trinta e dominante daí por diante, representa um beco-sem-saída: como conseqüência da sua crítica radical à repressão stalinista ela termina desconfiando da política e restringindo-se à crítica cultural³⁴.

³¹ LASCH, C. *The agony of the American left*. Nova York, Vintage Books, 1969. p. 11-2.

³² Ver: LASCH, C. *The decline of populism*. Op. cit.

³³ BOTTOMORE, T. B. *Critics of society: radical thought in North America*. Nova York, Vintage Books, 1969. p. 37.

³⁴ Processo detalhadamente analisado por Lasch, em “The collapse of socialism and the isolation of the intellectuals”, op. cit. Veja-se também Bottomore, em “From the jazz age to the great crash” e “The new radicalism”, op. cit.

Portanto, qualquer justiça que se faça ao pensamento de Mills deve necessariamente levar em consideração o momento político e cultural da década de quarenta que, na melhor das hipóteses, é a década da falência e dissolução do próprio radicalismo, o que, em outras palavras, é a outra face da prosperidade econômica, do conformismo e da crescente comemoração do *american way of life* do pós-guerra. Neste processo os intelectuais americanos deixavam de se pensar como rebeldes e radicais.

Dentro deste quadro geral, Mills foi *um dos* intelectuais que se recusaram à derrota; para ele, como e enquanto intelectual, o pensamento só pode ser crítico e radical.

Ora, do ponto de vista do momento político e cultural que apenas esboçamos, qualquer pensamento radical deveria enfrentar e superar, de um lado, o cerne da própria crise do “otimismo progressista na razão” gerado por duas realidades históricas novas: o fascismo e o stalinismo. E, de outro, deveria enfrentá-lo e superá-lo nas *específicas* condições históricas da sociedade americana, marcada pela crescente prosperidade econômica, pela dissolução do radicalismo da frente agrária e da frente operária, pelo conformismo social, passando pelo nacionalismo de guerra.

Nesta conjuntura nem a linha do *Partisan Review* chega a ser inexplicável. Mas esta não foi a opção de Mills. Ao contrário, é em plena guerra que o encontramos procurando um inimigo interno contra o qual “possa pensar”, ao menos porque:

“O pensamento social liberal requer algo acerca do qual seja ‘crítico’ e algo que considere ‘prometedor’. Os intelectuais liberais estão, por seu caráter como intelectuais, na oposição”³⁵.

Não se trata de uma posição meramente quixotesca, porque Mills localiza claramente as raízes desta crise intelectual:

“Enquanto o marxismo esteve vivo de alguma forma, houve grandes grupos para os quais os liberais podiam mirar. Havia grupos para os quais podiam mirar como alavancas da mudança histórica. Realmente, o liberalismo nos EUA depois de 1917 teve o colmilho e garra graças a categorias marxistas mitigadas. Nos grandes setores podia-se fazer distinções quanto a quem escolher e onde colocar sua esperança e sua fé. Agora estes setores desapareceram. Em vez de proletariado, leia-se mão-de-obra; em vez de mão-de-obra, leia-se sindicatos operários; e classifique-se cuidadosamente por indústrias, por ocupações, porque diferem muito. Há possibilidade de que os sindicatos operários se combinem com patrões para lutar contra outros sindicatos e patrões, e contra os consumidores e o governo.”

³⁵ MILLS, C. W. Localizando al enemigo: problemas de los intelectuales en tiempo de guerra (1941). In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 135. As três citações subseqüentes são do mesmo artigo, p. 137.

E é com a delineação perfeitamente clara deste quadro que Mills formula a questão cuja resposta constituirá o cerne de todos os seus trabalhos:

“Que tipos de grupos podem ser considerados alavancas para as mudanças históricas? Onde podem os liberais colocar, com Max Lerner, uma ‘fé combativa’? Que orientação política é possível? Esta pergunta parece sinônima desta outra: de que ponto de vista se pode observar a sociedade de tal maneira que se vejam amplas rachaduras e fortes tensões?”

Em outras palavras: 1) como conservar uma perspectiva crítica da sociedade? 2) quais os grupos sociais que têm uma “possibilidade objetiva de poder”? 3) como elaborar “opiniões políticas audazes e claras, opiniões que permitam sua difusão como ideologias eficazes”?

Entretanto, este núcleo de questões apenas indica os problemas que qualquer análise do pensamento de Mills deve levar em consideração: 1) Se o conhecimento é essencialmente crítico, qual a perspectiva a partir da qual Mills é crítico das sociedades existentes? 2) Se o conhecimento social não visa à mera descoberta da verdade mas é eminentemente prático — é política a verdade —, porque visa à transformação histórica, qual a perspectiva que permite ao conhecimento este destino prático? E, mais ainda, quais as conseqüências desta tese, quando transposta para a Sociologia? 3) Como ligar a ciência à prática, ou seja, como o discurso científico pode se tornar um discurso político eficaz?

Estas questões remetem a uma opção mais íntima: como Mills se coloca dentro do seu mundo? O que significa, neste caso, responder como enfrenta as duas realidades historicamente significativas para ele: o fascismo e o stalinismo, mantendo, nas condições americanas descritas, a fé na tese de que: “a liberdade é inerente ao homem como homem” — ao menos para os povos que “experenciaram as grandes revoluções burguesas dos dois últimos séculos”³⁶; a democracia é, como meio natural da realização desta essência, o destino possível da humanidade; e o intelecto é o único instrumento para a realização efetiva dessa possibilidade. Em síntese, porque liberdade e razão constituem o princípio teórico a partir do qual Mills vê o mundo e quer transformá-lo. No limite, é este princípio que permite localizar a categoria que determina o seu discurso: a alienação da pessoa.

Uma problemática inerente à Filosofia está determinando estas questões que o “cientista social prático” formulará à sociedade.

*

³⁶ MILLS, C. W. Observações sobre o problema do desenvolvimento industrial. In: *Resistências à mudança*, cit., p. 286, grifo meu.

A Filosofia e a Sociologia: um ajuste de contas com o pragmatismo

Já se disse que Mills não pode ser compreendido se esquecermos que ele era “norte-americano até a medula”³⁷ e isto parece ser realmente assim. Por mais que a problemática filosófica acima indicada possa ser relacionada ao idealismo kantiano, em Mills ela passa pela sua variante americana — sobretudo o pragmatismo de Dewey. Horowitz tem razão ao sustentar que:

“É importante situar estas influências no tempo e no espaço, de modo a clarificar o fato central: o contato intelectual inicial de Mills foi com os pragmatistas. Foi através de suas obras que sua preocupação com os problemas da ação social, liberdade política num universo industrial e, não menos, seu interesse permanente por todas as formas de metafísica, frutificou numa abordagem sociológica única”³⁸.

Não seria mero exagero afirmar que é esta leitura que Mills faz sobretudo do pragmatismo em Dewey que marca sua passagem para o campo da Sociologia pois não há, propriamente, uma ruptura, mas o deslocamento do impasse do pragmatismo para o terreno sociológico.

De fato, não é meramente casual que o primeiro trabalho de envergadura de Mills seja exatamente *Sociology and pragmatism*³⁹. Evidentemente, seria impossível discutir todas as teses deste trabalho. É suficiente reter aquelas que Mills transporta para a Sociologia e estas envolvem, basicamente, as considerações de Dewey sobre o indivíduo, a sociedade e a História.

De Dewey, Mills retém a tese de que a racionalidade está formalmente localizada no indivíduo. Entretanto, como o próprio Mills ressalta, em Dewey o racional no indivíduo está intimamente fundido ao social, o que significa o reconhecimento das influências sociais sobre a pessoa. Tese que marca duas conseqüências na sociologia de Mills:

³⁷ CASANOVA, P. G. C. Wright Mills: una conciencia norteamericana. In: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología...*, cit., p. 90.

³⁸ HOROWITZ, I. The intellectual genesis of C. Wright Mills. In: MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 13.

³⁹ Não nos propomos a uma análise de Dewey, pois o que nos interessa é a leitura que Mills faz do pragmatismo. É interessante notar que, provavelmente, Mills conhecia as duras críticas que Max Horkheimer endereçou sobretudo a Dewey nas palestras que realizou na Universidade de Columbia, em 1944. Estas foram posteriormente publicadas em *O eclipse da razão* (Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976). Contudo, Mills jamais se referiu a elas e, segundo Horowitz, não só não realizou a crítica ao encorajamento que o pragmatismo deu ao fascismo europeu e à política exterior americana, como conhecia “as críticas marxistas ao pragmatismo e, basicamente, as considerava erradas” (HOROWITZ, I. The intellectual genesis of C. Wright Mills. In: MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 24).

1) A classe social é relevante porque é indicativa de um meio social onde a individualidade se constitui. A tese do próprio Dewey aponta nesta direção:

“[A mente é produto da] vida partilhada do lugar e do tempo, [e o tipo de mente que desenvolve] depende do tipo de objetos de atenção e afeição que as condições sociais específicas fornecem”⁴⁰.

Mas, do mesmo modo, outros “meios sociais” podem ter peso igual ou maior (família, escola, igreja, vizinhança, nação, meios de comunicação, etc.).

Esta perspectiva “pluralista” está marcada por uma polêmica explícita com o marxismo, o qual, segundo Dewey, propõe uma “visão monista”, porque isola um único fator (o econômico) como a força causal. Ao contrário, a determinação econômica deveria ser colocada numa posição relativista e pluralista que considerasse uma série de outros fatores interagentes. Deste modo, a “teoria da causação social monista” deve ser substituída por uma visão da sociedade que analise os eventos sociais como “interações de componentes da natureza humana, de um lado, como condições culturais, de outro”⁴¹. O que, na verdade, significa preservar o indivíduo (“natureza humana”) como o único agente possível de mudança histórica, dissolvendo as classes sociais como determinação social. Por isto mesmo, haverá uma forte tendência a considerar a sociedade mais como um conjunto de instituições do que como uma estrutura social.

2) De qualquer forma, esta perspectiva permite o privilegiamento do “meio social” — onde quer que ele seja relevante — e a análise das instituições sociais será feita em nome do que elas fazem aos homens. A perspectiva crítica ancora-se firmemente no humanismo da pessoa:

“As perguntas mais importantes a fazer, em qualquer esfera da sociedade são: Que tipos de homens e mulheres tende a criar? Que estilos de vida pessoais inculca e reforça?”

Como unidade do processo histórico, o Estado-nação dinâmico é também a unidade dentro da qual a variedade dos homens é selecionada e formada, libertada e reprimida — é a unidade de formação do homem. É uma das razões pelas quais as lutas entre nações e blocos de nações são também lutas sobre os tipos humanos que acabarão predominando”⁴².

Mas a própria influência da sociedade nas manifestações concretas de cada natureza humana não descamba no impasse à liberdade do homem. Indivíduo e sociedade permanecem como duas forças em tensão:

⁴⁰ DEWEY, J. apud MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 448.

⁴¹ Id., *ibid.*, p. 426, grifos meus.

⁴² MILLS, C. W. A unidade do trabalho e do lazer (1953). In: —. *Poder e política*, cit., p. 203, e *A imaginação sociológica*, cit., p. 172.

“Há, espero, devida ênfase no poder do hábito e tendência cultural na diversificação das formas assumidas pela natureza humana. Mas há também uma tentativa para tornar claro que sempre existem forças intrínsecas de uma natureza humana comum em funcionamento; forças que algumas vezes são sufocadas pelo meio social circundante, mas que também, no longo curso da História, sempre estão lutando para se libertar e para transformar as instituições sociais de modo que as últimas possam formar um meio mais livre, mais transparente e mais apropriado para sua operação”⁴³.

O indivíduo permanece o centro da inteligência e, como e enquanto “criatura social”, ele é o único ator e sujeito possível da mudança histórica. Contudo, esta colocação merece melhor explicitação, pois envolve a discussão das três categorias centrais em Dewey: hábito, impulso e intelecto. É a tensão entre indivíduo e meio social (hábito) que gera o impulso para a transformação do meio social. Mas o mero impulso é tão “irracional” quanto o hábito. A inteligência é a calibradora do impulso transformador. Cabe-lhe observar, buscar, pesquisar e permitir a deliberação entre os possíveis. “Nesta deliberação, repassamos dramaticamente (na imaginação) várias linhas possíveis de ação em competição”⁴⁴.

Ficam, portanto, definidas duas outras possibilidades: situações nas quais o impulso é desgovernado e descontrolado e situações nas quais o impulso é detido e congelado em costume rígido. Dissociação que, ao menos alusivamente, já explícita por que na Sociologia de Mills a biografia social adquirirá um peso significativo, porque permite retratar não só o “homem comum” e “entorpecido”, como também o indivíduo de ação exemplar na sua radicalidade inteligente⁴⁵. Mesmo a sua crítica à “sociedade de massa” incide na opressão que se manifesta, não pela exploração e dominação, mas pela sua capacidade de “desviar” o próprio impulso transformador inerente ao homem. A apatia e a passividade política são produtos de uma sociedade que embota aquele impulso: o homem alienado teve congelado o seu “fogo interior”. Crítica tão ou mais válida, para Mills, no caso do homem das sociedades comunistas.

Por outro lado, é em Dewey que se encontra a tese da articulação necessária do impulso ao intelecto. De um lado, isto significa que a ação pede a ciência: poder e intelecto são — na sua unicidade — dois

⁴³ DEWEY, J. apud MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 449.

⁴⁴ Id., *ibid.*, p. 459.

⁴⁵ Para o primeiro caso, ver, por exemplo, o início do artigo de Mills: “A unidade do trabalho e do lazer”. In: *Poder e política*, cit. Para o segundo, ver sobretudo os retratos de Fidel Castro em *A verdade sobre Cuba* (cit.) e “Diagnóstico de nossa inquietação moral” (1952) (In: *Poder e política*, cit.), onde são retratados estes “Homens Representativos”.

momentos que devem ser soldados na prática. O mero poder do impulso transformador é impotente, tanto quanto a mera crítica intelectual, tese que Mills deslocará com todo rigor para a sua sociologia. A “política da verdade” inerente ao trabalho intelectual o afasta radicalmente do idealismo weberiano: *ciência e política* devem estar inextricavelmente ligadas, necessidade tão urgentemente clamada por Mills em 1946:

“Precisa haver o poder e precisa haver o intelecto. Contudo, nem os intelectuais, nem os trabalhadores estão em condição de realizar uma aliança e lutar contra a grande tendência”⁴⁶.

O que significa que, se o impulso é natural e espontâneo, a inteligência que o calibra — decidindo entre as possíveis alternativas — também deve ser prática, pois, na mudança de situações sociais, cabe-lhe o papel de mediação. Portanto, pode haver situações nas quais o intelecto é desviado do seu rumo prático. O próprio Dewey faz um balanço das várias situações possíveis: ações em que não olhamos suficientemente para frente porque somos limitados na ação pelo peso do impulso; podemos ficar excitados apenas com as delícias da reflexão; podemos ficar amedrontados diante da necessidade de assumir as responsabilidades da escolha e ação decisivas; podemos ficar tão curiosos sobre assuntos remotos e abstratos que só damos atenção impaciente às coisas diante de nós; podemos nos orgulhar do amor à mera verdade quando estamos apenas concordando com uma ocupação e com as exigências da situação imediata⁴⁷.

Mills retomaria continuamente estas teses nas suas duas manifestações. De um lado, quando critica os líderes sindicais porque necessitam ultrapassar as exigências da mera satisfação dos interesses imediatos da classe operária (salários e horas de trabalho) capturando o “intelecto político de modo a obter contínua reavaliação do seu programa em execução”. De outro, quando investe contra qualquer isolacionismo dos intelectuais — seja no empirismo abstrato, seja na grande teoria — que os desvincula da prática social, pois sua “tarefa, intelectual e pessoalmente, consiste em buscar os pontos em que a *vontade de alguém* possa ser impulsionada a melhorar”, enquanto que o “conhecimento que não se comunica tem seu modo de endurecer a mente”⁴⁸.

Restaria ressaltar uma última conseqüência que deriva dessa teoria. Embora a modificabilidade do homem seja uma alavanca para a reforma, há um *meio social ideal* à manifestação livre, natural e espontânea do impulso calibrado pela inteligência: a *democracia*.

⁴⁶ MILLS, C. W. *The new men of power...*, cit., p. 291.

⁴⁷ MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 460.

⁴⁸ MILLS, C. W., respectivamente: *The new men of power...*, cit., p. 265; *Lo personal y lo político* (1943). In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 13 (grifo meu) e p. 14.

“Ora, esta idéia não pode ser aplicada a todos os membros de uma sociedade, exceto onde a relação do homem com o homem seja mútua, e exceto onde haja adequada provisão para a reconstrução dos hábitos e instituições sociais por meio de amplo estímulo que deriva de interesses eqüitativamente distribuídos. E isto significa uma sociedade democrática”⁴⁹.

E, do mesmo modo, democracia já não é mais uma forma de regime político, mas um *modo de ser*, um *modo de vida*: aquele que permite a constante reorganização ou reconstrução da experiência. Idéia que calibra toda a obra de Mills — não só na sua crítica à sociedade americana e soviética, como nos seus programas práticos de mudança⁵⁰.

Portanto, é esta ênfase na “boa sociedade” — como modo de vida democrático — que encaminha o próprio Dewey à crítica das instituições que entram a liberdade e a plenitude da comunicação individual, o que faz ressaltar a idéia de *público*: comunidade é democracia, pois

“democracia não é uma alternativa a outros princípios de vida associada. Ela é a idéia da própria vida comunitária”⁵¹.

Tese retomada várias vezes por Mills quando contrasta a “sociedade de públicos” (ancorada na democracia jeffersoniana) à “sociedade de massa” na qual o público perde a capacidade de “encontrar e identificar a si mesmo”⁵² com o que a alienação da pessoa torna-se crescente.

Por outro lado, é a ênfase na tese de que a individualidade é *inexpugnável* que encaminha tanto Dewey como Mills à crítica não só do marxismo como uma “filosofia da história monista e unidirecional”, como da sociedade comunista onde a “execução prática” do “monismo” significa o

⁴⁹ DEWEY, J. apud MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 457. Em “Lo personal y lo político”, Mills define a democracia como uma ordem na qual a “vontade pessoal de cada indivíduo” conta “nas grandes decisões históricas” (*De hombres sociales...*, cit., p. 13).

⁵⁰ Em *The new men of power...* (cit.), o seu programa democrático é incompreensível sem a explicitação destas premissas.

⁵¹ DEWEY, J. apud MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 440.

⁵² Id., *ibid.*, p. 440. Algumas vezes, identifica-se esta discussão de Mills aos tipos ideais weberianos. Entretanto, a utilização de Weber, quando ocorre, é meramente “instrumental”. Para Weber, os tipos ideais são meras construções mentais, enquanto em Dewey, como em Mills, os dois tipos de sociedade pretendem reter um traço histórico *essencial* que os encaminha para uma certa melancolia do passado. Por outro lado, não há em Weber esta afirmação apaixonada do “modo de vida democrático” como necessidade da “natureza humana”, o que os afasta novamente de Weber: para Dewey e Mills esta idéia determina a sua tese da necessidade da intervenção prática da ciência social.

“controle de um único partido da imprensa, escolas, rádio, teatro e todos os meios de comunicação, inclusive as restrições efetivas impostas aos ganhos privados e à conversação privada”⁵³.

Trata-se de um quadro teórico que objetiva a crítica simultânea da sociedade capitalista e comunista, pois em ambas o homem é alienado.

*

Não é, portanto, casual que já em 1946 Mills estivesse preocupado com o processo de trabalho numa ótica muito específica: aí o homem teria congelado o seu impulso de transformação:

“Este é o ponto inicial, pois o trabalho que os homens fazem é o fato central das horas de vigília de suas vidas. As questões que os tocam concernem à organização do seu trabalho. Se as condições de trabalho são opressivas e não livres, se o trabalhador é disciplinado por homens sobre os quais não tem controle, se ele é regulado pela maquinaria técnica e humana, então *ele não entende*, de acordo com a esquerda, que toda a sua vida é *opressiva*. Ele só pode se tornar livre através de uma organização democrática do processo produtivo dentro de cada fábrica, loja, escritório e local de trabalho na indústria”⁵⁴.

Para lutar contra a “corrente principal” do sindicalismo cuja função é a domesticação deste impulso do trabalhador, Mills propõe, então, como tarefa principal e *primeira*, a democratização deste “meio social”: “dando aos impulsos do homem uma chance de realizá-los criativamente no trabalho”⁵⁵.

Uma consideração atenta de *White collar* (1951) esclarece que, de fato, Mills não rompeu com as suas teses básicas em *The new men of power* (1948). O que ocorre é uma desilusão das suas expectativas iniciais sobre a libertação destes impulsos transformadores nos indivíduos a partir das classes sociais e na possibilidade de criação de novos líderes na classe operária. Deste ponto de vista, a ruptura seria mais decidida com relação a qualquer possível aproximação do marxismo. Enfim, não é o seu referencial teórico que muda, mas as suas expectativas iniciais sobre os portadores (individuais) da transformação⁵⁶.

Mesmo em *The new men of power* há uma tendência a localizar os “homens operários” como agentes de mudança no período de depressão

⁵³ Id., *ibid.*, p. 429.

⁵⁴ MILLS, C. W. *The new men of power...*, cit., p. 254, grifos meus.

⁵⁵ Id., *ibid.*, p. 260.

⁵⁶ Confrontar *The new men of power...* (cit.), onde Mills considera possível a aliança “trabalho e classe média”, e *A nova classe média*, cap. 15, onde nega qualquer impulso de transformação às duas classes sociais.

do ciclo “boom — depressão — guerra”, mas num sentido bem preciso: é no período de depressão que a diminuição das expectativas de emprego e prosperidade deslancharia um impulso individual de rejeição social, embora a mera privação também pudesse induzir à apatia.

As classes sociais são relevantes porque constituem um meio social onde os indivíduos se formam. Logo, têm um papel de inibição ou de desentranhamento do impulso de transformação. Várias vezes Mills se refere às classes sociais como realidades “econômicas e psicológicas”. Portanto, sempre esteve preso à tendência — posteriormente bem mais agravada — de considerar a consciência individual como limite de uma consciência de classe. As classes — além de realidades econômicas — são meios sociais que geram tipos de homens (ao menos como “tipos médios”) o que se torna evidente quando considera as possibilidades políticas dos “subprivilegiados”:

“Carecem da autoconfiança resistente e da capacidade para indignação comum às pessoas de classe média (...). Não foram frustrados, eles nunca tentaram. A frustração pressupõe o impulso para ousar, o qual o derrotado pouco conhece. (...) Seu retraimento e isolamento é literalmente de tal extensão que não sabem o que poderiam desejar. Suportar esta vida requer um baixo nível de aspiração que enfraquece a vontade e cria a apatia”⁵⁷.

Desta forma, a negação da tese marxista que pretende ter provado nos cinquenta:

“Se a consciência dos homens não determina sua existência, a existência material também não determina sua consciência. Entre consciência e existência há as comunicações [de massa] que influenciam a consciência que os homens têm de sua existência”⁵⁸.

do mesmo modo como não abala um fio de cabelo desta teoria⁵⁹, já estava imbricada nos quarenta e advinha de um casamento impossível do pragmatismo com o marxismo.

No fundo, a sociologia de Mills está ancorada num contínuo debate com o marxismo, o que torna difícil recuperá-lo nos limites desta introdução. Basicamente, tratar-se-ia, para ele, de uma teoria inadequada e ultrapassada à análise da etapa monopolista na qual o próprio capitalismo teria sido estabilizado pela administração das crises econômicas e pela

⁵⁷ MILLS, C. W. *The new men of power...*, cit., p. 267-8, grifos meus.

⁵⁸ MILLS, C. W. *A nova classe média*, cit., p. 350.

⁵⁹ O argumento de Mills ancora-se na ideologia da “liberdade individual” que a crítica de Adorno atinge tão fundo: “Marx não tinha uma ‘psicologia superficial’. Na realidade não tinha psicologia nenhuma, e isso por sólidas razões teóricas. O mundo que Marx analisou é dominado pela lei do valor e não pela alma dos homens” (ADORNO, T. W. apud SLATER, P. *Origem e significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1978. p. 167).

sua capacidade de institucionalizar os conflitos das classes sociais. Diante desta realidade histórica nova a “exploração psíquica” (alienação) su-planta a exploração de classe e as decisões (ou falta de decisões) das “elites poderosas” explicam melhor os rumos da História do que a luta de classes ⁶⁰.

De todo modo, é mantendo uma coerência básica com sua leitura de Dewey que Mills passaria a enfatizar, a partir da década de cinquenta, esta nova situação histórica na qual os meios de comunicação-de massa não só teriam congelado o impulso natural de transformação dos homens ⁶¹, como seriam responsáveis pela expropriação da sua “capacidade de visão” ⁶², praticamente dissolvendo os indivíduos (e seu radicalismo) num mesmo denominador comum: a massa.

Deste prisma, é a partir de cinquenta que o idealismo de Mills assumiria formas crescentemente mais radicais. De um lado, agravaria uma tendência, que se manifestara desde cedo, de considerar a manutenção do *status quo* como derivada da ingenuidade das pessoas — “as pessoas começarão a perceber claramente as relações básicas do sistema econômico em que vivem” ⁶³ — o que significa, por sua vez, que a situação se mantém pelas mentiras dos poderosos — “desmascarar as mentiras que mantêm o poder irresponsável é a vocação política do intelectual” ⁶⁴. Por outro lado, é a partir de cinquenta que sua crítica à sociedade americana passa a se ancorar na construção de tipos abstratos, como é o caso dos “heróis tagarelas”, “analfabetos alegres”, “esquerda futilitária”, “homens representativos”, culminando no seu tipo crítico preferido, o “robô alegre” — variáveis que, de certa forma, permaneciam embutidas em Dewey: o ato criador é aquele que une o impulso e intelecto, mas pode haver impulso sem intelecto, pode haver intelecto sem ação, pode haver congelamento do impulso. Na Quarta Época delinea-se uma situação histórica na qual as instituições “usurpam a racionalidade e liberdade dos homens que nelas estão presos” ⁶⁵. Seu discurso torna-se crescentemente indignado e moralista porque ainda pretende despertar aquele impulso através da indignação e frustração das pessoas.

Do mesmo modo, como o indivíduo autêntico se dissolveu na massa, justifica-se também a sua preocupação crescente com o que fazem os

⁶⁰ Mills apresenta uma discussão das suas divergências com o marxismo em “Observações Críticas”. In: *Os marxistas*, cit.

⁶¹ “...há uma luta para dominar os espíritos”. *A nova classe média*, cit., p. 368.

⁶² Id., *ibid.*, p. 351. Por sua vez, as classes se integram de tal forma ao sistema que já não constituem “meios sociais” de geração de revolta.

⁶³ MILLS, C. W. *The new men of power...*, cit., p. 263.

⁶⁴ MILLS, C. W. Lo personal y lo político. In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 19.

⁶⁵ MILLS, C. W. *A nova classe média*, cit., p. 19.

poderosos ⁶⁶. Os homens que, daqui por diante, praticamente monopolizam as decisões que fazem a História: as “elites que têm acesso aos meios — materiais e culturais — pelas quais a História está sendo feita” ⁶⁷ enquanto a “História se faz sem o conhecimento dos homens” ⁶⁸.

*

Explica-se por que, para Mills, biografia, sociedade e História são os “pontos coordenados do estudo adequado do homem” ⁶⁹. O agente de mudança histórica é o ator *individual*; entretanto, este é moldado pelas instituições sociais (sociedade) “dentro das quais sua biografia se desenrola” ⁷⁰. Neste sentido, a História abre-se como um campo indeterminado de possibilidades — ou crescentemente fechado — dependendo da relação entre as instituições (sociedade) e o tipo de homem que cria:

“Há uma seqüência social na qual os homens são relacionados e formados pelas instituições, e nas quais os homens, *espontaneamente*, modificam e criam suas instituições” ⁷¹.

As instituições sociais são responsáveis pela qualidade “dos homens e mulheres que desenvolvem e selecionam” ⁷², pois delas dependem as possibilidades abertas à História. A relação indivíduo-sociedade determina a criação de “homens novos”, “radicais” e “práticos” que aproveitam as oportunidades para criar a História ⁷³. Esses Prometeus para

⁶⁶ Veja-se sobretudo *A elite do poder*. Mesmo neste caso, como ressalta Andrew Hacker, a análise de Mills tende a enfatizar mais os homens ocupantes dos lugares do topo das instituições do que as próprias instituições (HACKER, A. Poder para quê? In: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología...*, cit.).

⁶⁷ MILLS, C. W. O declínio das esquerdas (1959). In: —. *Poder e política*, cit., p. 103.

⁶⁸ MILLS, C. W. *A nova classe média*, cit., p. 368. O enfoque desta introdução não abriu espaço para uma análise da sua teoria das elites. A crítica desta teoria a partir de várias perspectivas teóricas e políticas é apresentada na coletânea organizada por DOMHOFF, W. e BALLARD, H. C. *Wright Mills and the power elite*, cit. Veja-se também: BOTTOMORE, T. B. *As elites e a sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1965; POULANTZAS, N. *Pouvoir politique et classes sociales*. Paris, François Maspero, 1968; e HACKER, A. Poder para quê? In: HOROWITZ, I., org. *La nueva Sociología...*, cit.

⁶⁹ MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*, cit., p. 156.

⁷⁰ Id., *ibid.*, p. 175.

⁷¹ MILLS, C. W. Diagnóstico de nossa inquietação moral (1952). In: —. *Poder e política*, cit., p. 198, grifo meu.

⁷² Id., *ibid.*, p. 199.

⁷³ Idéias que perpassam toda a análise de Mills sobre a revolução cubana (Ver: *A verdade sobre Cuba*, cit.).

os quais “a ética pessoal e a política da responsabilidade são sustentadas pela prática de uma política da verdade”⁷⁴.

Assim, a revolução é uma forma de definir realidades, de modificá-las e mudar suas definições porque é “um momento pleno de verdade”⁷⁵: é o momento utópico da criação do homem novo e da sociedade inteiramente nova. Ela não é economicamente determinada nem em sua origem, nem em sua evolução⁷⁶. Não é resultado da luta de classes, mas de personalidades excepcionais e decididas, de homens práticos que unem o intelecto à ação, a liberdade à razão, vontade firme e decidida, caráter e iniciativa: os homens que fazem a História.

Por isto mesmo, seu produto — a sociedade inteiramente nova — também não é economicamente determinado: é algo novo e superior porque projeta seus ideais “ainda mais alto do que o melhor já realizado pela humanidade”⁷⁷.

*

Mills desloca a problemática do pragmatismo para o campo da Sociologia e esta transferência se deve ao próprio impasse do progressismo liberal ainda presente em Dewey. Neste, a crença otimista na liberdade e racionalidade individual cai na armadilha de uma sociedade de massa onde floresce o “homem alienado” que ameaça “a natureza mesma do homem, a imagem que temos de seus limites e possibilidades como homem”⁷⁸. Nesta situação histórica nova, a sociologia de Mills se apresentará

“como resposta às perguntas de Dewey — impossíveis de serem respondidas no contexto estreito da psicologia social”⁷⁹.

O impasse do pragmatismo é transferido como “boa nova” para a Sociologia.

Mas esta passagem ao campo sociológico torna necessária a explicação do oponente real do pragmatismo. Este funda-se na crença na liberdade individual e afirma a necessidade da ligação da ciência à prática dos homens. Há aqui um interlocutor que pode ser locali-

⁷⁴ MILLS, C. W. Lo personal y lo político. In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 18.

⁷⁵ MILLS, C. W. *A verdade sobre Cuba*, cit., p. 124. Embora, segundo Mills, este instante de verdade possa se transformar numa época de mentiras (id., ibid., p. 128).

⁷⁶ Id., ibid., p. 50.

⁷⁷ MILLS, C. W. A unidade do trabalho e do lazer. In: —. *Poder e política*, cit., p. 204.

⁷⁸ MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*, cit., p. 185.

⁷⁹ MOYA, C. *Imagem crítica da Sociologia*. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 131. Neste trabalho há uma excelente análise da dívida intelectual de Mills ao pragmatismo.

zado na polêmica explícita de Dewey com o marxismo. Como o próprio Mills ressalta, também o marxismo

“como uma doutrina e movimento ligou teoria e prática; Dewey acredita que a inteligência ou ciência combina estas duas”⁸⁰.

Para isto, deve negar “ciência ou inteligência” ao marxismo e o faz em duas frentes: como ciência e como prática. Como ciência, porque nega poder de mudança à avaliação dos homens e se torna uma teoria monista da causação social⁸¹. Como prática, conduz ao comunismo, que é a própria negação da individualidade⁸². A proposta de Dewey é clara: cabe à ciência do social efetuar o deslocamento do marxismo substituindo-o na prática dos homens.

Daí a crítica de Mills ao pragmatismo: ele não leva às últimas conseqüências suas próprias premissas. A problemática envolvida no pragmatismo pedia para se tornar ciência da sociedade e solicitava sua ligação com a prática dos homens. A crítica de Mills a Dewey inicia-se, portanto, pela sua desconsideração do problema do poder político:

“Dewey celebrou o crescimento do poder do ‘homem’ através da ciência e da tecnologia; não respondeu claramente à questão envolvida nesta celebração. Isto o teria obrigado a enfrentar diretamente o problema político e legal da atual distribuição do poder como existe dentro desta ordem social. E isto Dewey jamais fez”⁸³.

Mills localiza uma tensão interna nas teses de Dewey: de um lado, afirma que o “conhecimento, isto é, a ciência, é poder”⁸⁴ e discerne uma conexão explícita entre a ciência e a História; por outro, não se pronuncia sobre os “antagonismos estruturais da sociedade”⁸⁵. Por isto mesmo, segundo Mills, “o pragmatismo não se torna impaciente e político”⁸⁶. Ao contrário, isola-se nos círculos intelectuais e acadêmicos:

“Talvez por causa desta posição ele nunca atingiu uma orientação política adequadamente ancorada. (...) Politicamente e de fato, a paciência de Dewey engoliu aquele conteúdo vivo que havia nele”⁸⁷.

⁸⁰ MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 428.

⁸¹ Em *Os marxistas*, a crítica de Mills vai no mesmo sentido: haveria no marxismo uma tensão entre o determinismo e o humanismo — o primeiro desconsiderando a “volição do homem na elaboração da História” (p. 104). Por isto mesmo, Mills é mais simpático ao humanismo presente no jovem Marx.

⁸² Em “Freedom and culture” (In: MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit.), há uma análise de Mills sobre esta polêmica de Dewey com o marxismo.

⁸³ MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit., p. 417.

⁸⁴ Id., ibid.

⁸⁵ Id., ibid., p. 405.

⁸⁶ MILLS, C. W. Pragmatism, politics and religion. In: HOROWITZ, I., org. *Power, politics and people...*, cit., p. 168.

⁸⁷ Id., ibid., p. 167-8.

Esta é a falha do “tipo de Prometeu pragmático”: não encontrou seu portador social. Ele exigia a prática, mas se isolou das classes e grupos sociais. Mills sociólogo procurará realizar a missão do pragmatismo: nas suas mãos, o discurso sociológico — da “ciência ou inteligência” — quer tornar-se o discurso público.

O intelectual não está comprometido com a mera busca da verdade, mas com a política da verdade:

“Os interesses racionais dos indivíduos desprovidos de poder podem ser colocados à sua disposição, de tal forma que possam vê-los. Os grupos subprivilegiados estão afastados do conhecimento de seus interesses por sua própria ignorância, mas também pelas mentiras de outros que dominam os meios de comunicação. (...) Nem sempre ganhará a verdade, mas a verdade dita às pessoas que devem ouvi-la com as palavras adequadas e no momento oportuno representa uma possibilidade de vencer. Iniciará mudanças entre os impotentes e desmascarará como mentiras as pretensões dos poderosos que os sancionam. (...) Numa sociedade em que grande parte do poder e do prestígio se baseia em mentiras, o interesse autêntico pela verdade se converte numa das poucas posses dos despossuídos. Quando se as entende como valores políticos, a responsabilidade e a verdade são tão fundamentais, e eu creio que tão poderosas, que se pode organizar em torno delas um partido político”⁸⁸.

Esta política da verdade supõe o conhecimento. A problemática envolvida no pragmatismo pedia para se tornar Sociologia. Esta é sua verdade latente: se a ciência é poder, a promessa do pragmatismo só podia se realizar através da “imaginação sociológica” que se converte numa “disciplina de realismo e fantasia ao mesmo tempo”⁸⁹.

Este é o resultado da leitura que Mills faz da obra de Dewey: havia nela uma conexão explícita entre a ciência e uma certa ordem de assuntos sociais⁹⁰. Cabe à Sociologia — como forma de pensamento racional desta ordem social — localizar os meios através dos quais podemos sair de uma sociedade industrial “impessoal e não-inteligente” para a comunidade “inteligente, científica, democrática”⁹¹.

Hoje, tanto o liberalismo como o socialismo “se decomuseram virtualmente como explicações adequadas do mundo e de nós mesmos”⁹². A Sociologia torna-se o reduto da razão pragmática. Por isto mesmo,

⁸⁸ MILLS, C. W. Lo personal y lo político. In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 19-20, grifos meus.

⁸⁹ Id., p. 13.

⁹⁰ A Sociologia latente nesta leitura que Mills faz da obra de Dewey encontra-se sobretudo em “Modulations of action” (In: MILLS, C. W. *Sociology and pragmatism...*, cit.).

⁹¹ Id., *ibid.*, p. 441.

⁹² MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*, cit., p. 180.

ela é um instrumento, uma ferramenta para o conhecimento que objetiva a desalienação dos homens. E também por isto seus conceitos, independentemente dos quadros teóricos, são instrumentais e podem ser ecleticamente utilizados⁹³ — todos fazem parte da tradição sociológica — desde que esclareçam os principais problemas de nossa época: a ameaça à liberdade e à razão.

Portanto, não é casual que Mills considere a Sociologia de um ponto de vista pragmático:

“o progresso científico é cumulativo: (...) não é criação de um homem mas o trabalho de muitos, revendo e criticando, acrescentando e subtraindo da totalidade dos esforços”⁹⁴.

São os temas que determinam os conceitos, pois a

“controvérsia sobre questões diferentes de ‘metodologia’ e de ‘teoria’ é realizada adequadamente em relação íntima e contínua com problemas substantivos”⁹⁵.

O sociólogo é um cientista prático e a Sociologia pode ser definida apropriadamente na fórmula: “IBM + Realidade + Humanismo”⁹⁶, segundo a qual “todo cientista social deve ser seu próprio metodologista e seu próprio teórico”⁹⁷.

O cientista social prático tem uma posição estratégica: “é o homem consciente da humanidade”⁹⁸ e a Sociologia tem um compromisso: permitir que os homens se tornem “conscientes das estruturas históricas e de seu próprio lugar nelas”⁹⁹. A crítica de Mills não incidirá nos quadros teóricos da Sociologia, ela tem outro endereço: os que traem esta posição e este compromisso: seja os que se retiram na “grande teoria”, seja os que ficam manietados num “empirismo abstrato”. Crítica que não se restringe apenas aos sociólogos conservadores e celebradores da ordem existente, mas se estende também aos liberais críticos que abdicaram, entregando-se ao sentimento de tragédia e impotência, e ao mar-

⁹³ O próprio Mills tenderia a se autodefinir como pertencente à categoria dos “marxistas plenos”, ou seja, àqueles que, mesmo discordando das principais teses de Marx, defendem seu lugar na tradição clássica do pensamento sociológico. No fundamental, contudo, isto significaria, para Mills, defender a tese de que Weber teria sido o maior revisionista de Marx. Para uma análise desta aliança eclética de Marx com Weber na sociologia de Mills, veja-se: ZEITLIN, I. M. *The plain marxism of C. Wright Mills*. In: FISCHER, G., org. *The revival of American socialism*. Nova York, Oxford University Press, 1971.

⁹⁴ MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*, cit., p. 139.

⁹⁵ Id., *ibid.*, p. 140.

⁹⁶ Artigo de Mills na coletânea *Power, politics and people...* (cit.).

⁹⁷ MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*, cit., p. 134.

⁹⁸ Id., *ibid.*, p. 209.

⁹⁹ Id., *ibid.*, p. 205, nota 57.

xismo que se tornou "o beco sem saída intelectual e moral do 'futilitarismo' da velha esquerda"¹⁰⁰.

Em síntese, a promessa da Sociologia não se limita à mera busca da verdade, pois esta é eminentemente *prática*. E a verdade, para ser prática, deve ser apresentada ao público, deve ser comunicada, precisa ser partilhada: procura seu destinatário. Isto significa que o próprio discurso, para ser ativo, deve ser calibrado. Suas palavras necessitam ser estrategicamente escolhidas e pesadas de acordo com a esfera realmente aberta à sua influência. Só desta forma o intelectual cumpre a sua missão de tornar a verdade ativa — articulando a verdade àqueles a quem se destina

"sem as palavras adequadas com que vesti-las, as verdades não contam politicamente. Escolher as palavras adequadas para usá-las no momento oportuno supõe que se sabe muito sobre a gente que deve ouvi-la. (...) A política da verdade trata de fazer que coincida 'a gente que deve ouvi-la', com a ativamente interessada na prática da verdade, com o 'terceiro campo'"¹⁰¹.

Saber a verdade e dizê-la com as palavras adequadas exigia não só a Sociologia, como *um estilo*. Mills entregou-se à tarefa de ser "sociólogo prático" como uma verdadeira vocação. Explica-se, assim, por que o seu "Sermão pagão ao clero cristão" gerou a impressão de que, de fato, ele era cristão; trata-se do discurso sociológico da *política da verdade*: dizer a verdade aos que devem ouvi-la e com as palavras adequadas. Mills cultivou este estilo; todos os seus trabalhos explicitam o público ao qual se destina — aqueles que devem ouvir aquela verdade específica e fazer algo — sejam eles os norte-americanos, os estudantes, o clero, os jornalistas, os líderes sindicais, etc., etc. Sua verdade é sobre algum grupo social e a ele se destina.

Seu compromisso intelectual se definiu desde cedo: denunciar a armadilha, "explicar o que está ocorrendo no mundo de modo que os homens possam entender e agir"¹⁰². Analisou a sociedade americana de todos os pontos de vista, vasculhou-a, destrinchou-a, para saber sobre os meios e para informar aqueles que deveriam saber.

Sua relevância na Sociologia advém exatamente desta paixão pela verdade ativa. Analisou as classes sociais — os meios onde se consti-

¹⁰⁰ MILLS, C. W. El dilema de la democracia social (1959). In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 51. Uma crítica de Mills a estas posições encontra-se em "A sociedade anônima dos intelectuais". In: MILLS, C. W. *A nova classe média*, cit.

¹⁰¹ MILLS, C. W. Lo personal y lo político. In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 20-1.

¹⁰² MILLS, C. W. Pragmatism, politics and religion. In: HOROWITZ, I., org. *Power, politics and people...*, cit., p. 165.

tuem ou podem ser criados os "novos homens" encarregados da criação da "nova sociedade". Referindo-se aos seus trabalhos sobre os líderes sindicais, a nova classe média e a elite do poder reconhece que

"uma das missões de cada um desses livros era calibrar o que faziam ativamente as diferentes classes e grupos e o que podiam fazer"¹⁰³.

E se ficou crescentemente desiludido da sua expectativa inicial sobre os líderes da classe operária americana e se se tornou profundamente irritado com o pouco tempo que ainda restava antes que o "robô alegre" predominasse na Quarta Época¹⁰⁴, não perdeu a esperança do humanista radical e voluntarista: ainda existem indivíduos criadores e independentes, os que não se encerraram "dentro da baleia"¹⁰⁵, os que resistem, aqueles

"homens e mulheres que ainda têm capacidade e situação para escolher seu modo de vida. (...) os intelectuais (...). Mas também estão incluídas as (...) classes intermediárias: os técnicos e os acadêmicos, os pequenos administradores e os professores de escolas superiores, e pequenos homens de negócios"¹⁰⁶.

Procurou cumprir a tarefa a que se propôs como sociólogo prático, ao menos para reconhecer que

"vivi numa época em que se haviam desmoronado, ou estavam se desmoronando, os organismos de ação, e eu não tinha a quem dirigir a resposta"¹⁰⁷.

*

A seleção dos textos desta coletânea procurou reter momentos significativos da produção intelectual de Mills e, ainda, explicitar um retrato do sociólogo que a produziu. Não pretende mostrar apenas o produto mas, também, o seu artesão, como diria Mills.

A opção por esse critério deriva da necessidade de: 1) selecionar alguns textos de uma obra muito ampla e, sobretudo, extremamente diversificada, o que dificulta a tentativa de seleção temática¹⁰⁸; 2) apre-

¹⁰³ MILLS, C. W. Prefacio a *Political morality* (1960). In: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 8.

¹⁰⁴ "Não creio que se deva a nenhum histerismo pessoal ter me dado conta, cada vez mais, de que não pode haver muito tempo para a reflexão serena". Id., *ibid.*, p. 9.

¹⁰⁵ Id., *ibid.*, p. 11.

¹⁰⁶ Id., *ibid.*

¹⁰⁷ Id., *ibid.*, p. 7.

¹⁰⁸ Horowitz, em *Power, politics and people...*, apresenta a bibliografia completa de Mills, nas páginas de 614 a 641. São quase 27 páginas onde estão arrolados numerosos livros, artigos, conferências etc.

sentar textos que sejam estratégicos para a compreensão do pensamento de Mills e, na medida do possível, ainda não acessível em português.

Creio que tal critério explica a seleção do primeiro texto: "A ideologia profissional dos patologistas sociais" (1943). Ele revela quão precocemente se afirma em Mills a convicção de que a Sociologia podia ser uma arma da crítica mas, também, da domesticação. Convicção que persiste no seu trabalho posterior. Mas nota-se neste artigo uma diferença de estilo. Há aqui uma acentuada ênfase na necessidade da argumentação, um excessivo cuidado com as citações, a preocupação em elucidar suas fontes bibliográficas. Há, enfim, uma forte marca acadêmica, superada, posteriormente, no que se convencionou considerar o estilo pessoal, ensaísta, de Mills¹⁰⁹. Mas, se o estilo é diferente, já se faz presente aquela sua forte convicção de que a importância da Sociologia está no que ela pode fazer ao homem¹¹⁰. Convicção que, como vimos, se articula a uma série encadeada de supostos causais: a Sociologia, ao visar o "grande público", necessita do "estilo ensaísta", estilo que responde à necessidade básica da educação, como fonte de transformação do homem e, portanto, da sociedade. Sociologia que nada tem a ver, para Mills, com o "estilo higiênico, de laboratório"¹¹¹, estilo tão esmiuçadamente criticado neste artigo.

Burilado o instrumento — a Sociologia como ferramenta do desmascaramento — há que ver a produção. Os textos que compõem a parte II desta coletânea ("EUA: estrutura social e política") explicitam as teses básicas desta produção e deste produtor. Revelam como é praticamente impossível compreender a perspectiva sociológica de Mills desenraizada das realidades históricas das quais foi tão ativamente contemporâneo: o pós-guerra, a sociedade de consumo, o bloco soviético, a guerra fria, a guerra atômica. Realidades que procurou não apenas entender mas, sobretudo, negar e superar. E pretendeu superá-las como e enquanto cidadão da sociedade que é a grande matriz de produção dessas realidades: a norte-americana das décadas de cinquenta e de sessenta. São duas as pretensões básicas: saber o que é esta sociedade e explicitar, no seu interior, as suas forças de negação e de superação. Parece o percurso de uma desilusão contínua: a elite do poder, a classe operária, a nova classe média, a sociedade de massa.

Os textos da parte III ("Perspectivas contemporâneas: a Quarta Época") são a síntese desse percurso tão angustiadamente expresso por Mills, quando se refere aos EUA em "A política da verdade": "Não

¹⁰⁹ Horowitz, em "Estilo y contenido de C. Wright Mills", analisa detidamente vários aspectos desse estilo de Mills. Ver: HOROWITZ, I., org. *De hombres sociales...*, cit., p. 307-21.

¹¹⁰ Id., *ibid.*, p. 319.

¹¹¹ Id., *ibid.*, p. 311.

estamos parados, mas sentados'. Estamos sentados no fundo do abismo da desesperança"¹¹². Tese que suscita uma interrogação. O texto foi redigido em 1946 e "redescoberto" por Mills em 59. É ele que redige à margem do manuscrito original: "... interessante porque contém temas tratados depois mais objetivamente..."¹¹³. Afinal, um longo percurso de produção intelectual que parece ser um mero reencontro e retrabalho de um mesmo núcleo de intuições e preocupações iniciais.

De toda forma, há nas suas teses sobre a Quarta Época uma desilusão que se vai transformando numa sensação de urgência. Já não há muitas argumentações. Já não há notas bibliográficas. Já não há amplas pesquisas de campo. A urgência do tempo marca crescentemente a investigação e o estilo. Urgência que revela tão bem este artesão que se recusa à apatia e à desistência. Recusas tão explicitadas nos textos da parte IV ("Alternativas dissidentes") e tão bem sintetizadas por Mills em "A nova esquerda" (1960): "Deixem que os velhos senhores perguntem com amargor: 'Sair da Apatia ... e ir para onde?' A Idade da Complacência está terminando (...) Nós estamos começando a nos movimentar novamente"¹¹⁴. Pena que já não estivesse vivo em maio de 68: ele que, de certo modo, o buscou tão ansiosamente.

*

Esta coletânea foi organizada em 1979. O livro já estava em fase final de publicação quando tive acesso ao trabalho de Irving Louis Horowitz, *C. Wright Mills, an American utopian* (Nova York, The Free Press, 1983). Na impossibilidade de incorporar um trabalho da importância do de Horowitz, aproveito ao menos para deixá-lo indicado aos leitores e admiradores de Mills.

¹¹² Texto 9, p. 174 desta coletânea.

¹¹³ Texto 9, nota 1, p. 174 desta coletânea.

¹¹⁴ Texto 12, p. 210 desta coletânea.